

Fernandes Figueira, o homem e o médico

Fernandes Figueira, the man and the doctor

Fernanda Loch

Mestra em história pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Georgiane Garabely Heil Vázquez

Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História (nível mestrado) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Resumo: Este artigo buscou problematizar a articulação entre a vida pessoal e parte da trajetória intelectual do médico pediatra Antônio Fernandes Figueira. Em termos metodológicos a pesquisa se amparou na catalogação e análise de conteúdo de jornais e da Revista entre fins do século XIX e início do século XX, época de atuação profissional do médico. A documentação consultada se encontra disponível na Hemeroteca Digital Brasileira. Por meio dessa análise, foi possível verificar as significativas contribuições do médico para a pediatria nascente e também conhecer parte da vida pessoal do médico.

Abstract: This article sought to problematize the articulation between personal life and part of the intellectual trajectory of pediatrician Antônio Fernandes Figueira. In methodological terms, the research was supported by cataloging and analyzing the content of newspapers between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century, a period of professional practice by the physician. The consulted documentation is available at Hemeroteca Digital Brasileira. Through this analysis, it was possible to verify the significant contributions of the physician to emerging pediatrics and also to know part of the physician's personal life.

Introdução

Antônio Fernandes Figueira (1863-1928), formado no curso de medicina da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1887, com foco na área pediátrica, teve parte nas discussões intelectuais do período higienista e propôs a construção de políticas públicas voltadas à maternidade e à infância na Primeira República. Nesse contexto, a partir de uma consolidação mais prática de sua imagem como médico pediatra e intelectual, Fernandes Figueira idealizou e propôs ações para abordar o “problema da infância” na sociedade brasileira do início do século XX.

Para podermos traçar as percepções de Fernandes Figueira foi fundamental, portanto, a compreensão da trajetória intelectual do médico, com quais movimentos compactuava, com quem socializava e quais ambientes frequentava. Para isso, utilizamos o periódico *Brazil-Medi-*

co, bem como jornais de alta circulação no Rio de Janeiro, com autoria e/ou citando Fernandes Figueira no seu período de atuação, que se estende até o ano de 1928.

A revista *Brazil-Medico* foi uma revista semanal de medicina e cirurgia, vinculada a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Começou a ser impressa no ano de 1887, - ano no qual Fernandes Figueira se formou, - e logo se tornou uma das principais revistas médicas do Brasil no período. O pediatra possui várias publicações no periódico e também é citado por outros médicos. Entre os jornais do Rio de Janeiro, utilizamos o *Jornal do Commercio*, *O Paiz*, *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã* e *A Cruz* no período entre 1887 a 1928.

Consideramos que os jornais são suportes que expressam uma representação do real, permitindo um melhor conhecimento das condições de vida, manifestações culturais e políticas de uma sociedade. São formadores de opinião e apresentam táticas discursivas que são construídas cotidianamente, expondo projetos em disputa na sociedade na qual são difundidos (ZICMAN, 1985). Através dos jornais, podemos observar como Fernandes Figueira se insere na discussão pública acerca das políticas higienistas, como foi citado e aspectos sobre os seus familiares.

A difusão do saber médico, bem como dos ensinamentos dessa profissão estão presentes na imprensa brasileira do começo do século XX. Renée Barata Zicman destaca o uso da imprensa como fontes primárias para a pesquisa histórica porque é rica em dados e elementos e nos permite conhecer o nível das condições de vida, manifestações políticas e culturais, etc. de determinada sociedade (ZICMAN, 1985, p. 89). Um determinado jornal tenta expressar uma representação do real, bem como os projetos que estão em disputa dentro da sociedade na qual o periódico se insere.

Os jornais e a revista *Brazil-Medico* foram levantados através da Hemeroteca Digital Brasileira, um portal digital de periódicos nacionais para ampla consulta pública pela internet.¹ Para esta pesquisa utilizamos a palavra-chave *Fernandes Figueira* nos documentos já citados e dentro do período de atuação do médico (1887-1928).

Com essa estratégia metodológica, foi possível conhecer melhor a obra intelectual e público desse pediatra, mas também passagens de sua vida pessoal, nome de familiares, opiniões, religiosidade e até sociabilidades. Demonstrando assim as potencialidades de jornais e revistas para a pesquisa histórica.

O homem antes do médico

Com facilidade encontramos vestígios acerca da vida profissional e institucional das “grandes figuras” históricas ou de conhecidos intelectuais. Com Fernandes Figueira, uma rápida pesquisa na internet já nos traz a informação de quando foi formado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em que ano recebeu determinado prêmio, ou qual foi a sua principal obra. Todos esses elementos pouco nos informam em relação à vida privada, aos espaços íntimos e familiares

1. A ferramenta foi disponibilizada pela Fundação Biblioteca Nacional em 2006, e possui jornais, revistas, anuários e boletins que datam desde o começo do século XIX até o século XX. A consulta nos documentos pode ser realizada por título, período, edição, local de publicação e palavras-chave em qualquer aparelho com acesso à internet. Ao selecionar o documento é possível a busca por palavras dentro do texto, o que proporciona aos pesquisadores maior facilidade para se encontrar as informações desejadas. In: HEMEROTECA Digital. **Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 08 nov. 2019.

de Fernandes Figueira. Recorrendo às fontes, nos aventuramos em busca de algo que trouxesse, mesmo que de maneira limitada, quem foi o homem, o marido, o pai, para além do médico.

Salientamos aqui, a necessidade de se apresentar essa parcela da vida de Fernandes Figueira, que a ele não foi uma simples parcela, mas parte fundante, constituinte ou mesmo integral do seu ser. Tarefa que não foi fácil, considerando a dificuldade de se conseguir dados pessoais, íntimos, de um intelectual com a vida pública de fins do século XIX e início do século XX. Contradição vista com frequência, levando em conta a eloquência desses personagens públicos e a falta dessas informações familiares nas fontes disponíveis, ou a dicotomia entre a vida pública e privada, e os tipos de documentos que os arquivos preservam, favorecendo as instâncias do público.

Um exemplo desse tipo de documento é a biografia de Fernandes Figueira escrita por Solidônio Leite em 1929. Não tivemos acesso ao arquivo, porém tal obra já foi analisado pela historiadora Gisele Sanglard. Solidônio, o autor, consócio de Fernandes Figueira no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, descreve os feitos do homem público, seus postos profissionais, suas produções intelectuais e procura evidenciar o “valor” do homenageado no *post mortem* (SANGLARD, 2014, p. 83-85). Porém, os aspectos da sua vida familiar e íntima não são evidenciados. Logo, buscamos outros caminhos para encontrar vestígios do homem, além do médico.

A primeira informação familiar de Fernandes Figueira que nos deparamos foi encontrada na página da Academia Nacional de Medicina, que dizia que o médico foi filho de “pais pobres”. Sua mãe chamava-se D. Genuína da Rocha Figueira, que morreu no seu nascimento, e o seu pai chamava-se Manoel Fernandes Figueira (ANTONIO, 2020). Sobre a mãe, nenhuma informação foi encontrada, explicitando um obstáculo comum dentro dos estudos de gênero e história das mulheres: o lugar invisível das mulheres nos arquivos e o apagamento das mesmas da história. Já sobre o pai, conseguimos confirmar e descobrir alguns elementos dentro dos jornais, como por exemplo no *Jornal do Commercio* e no *O Paiz*.

Manoel Fernandes Figueira nasceu em 19 de dezembro de 1837, no bairro de Guaratiba, no Rio de Janeiro e morreu em 26 de novembro de 1918 na mesma cidade. O *Jornal do Commercio* noticiou a sua morte, identificando Manoel como pai de Antônio:

Falleceu hontem nesta Capital o Sr. Manoel Fernandes Figueira, pai do distinto pediatra Sr. Dr. Antonio Fernandes Figueira, Director da Policlínica das Crianças.

O finado que contava com 80 annos de idade, durante quarenta annos exerceu o cargo de Secretário da Estrada de Ferro Central do Brasil.

O seu passamento deu-se em sua residênciã á rua Figueira. (VIDA, 1918, p. 5).

A posição de secretário da Companhia de Estrada de ferro Central do Brasil deve ter sido uma função de destaque tendo em vista o anúncio de aposentadoria colocado no jornal *O Paiz*²,

2. O Paiz foi um jornal diário de grande circulação lançado em 1º de outubro de 1884, no Rio de Janeiro (RJ), por João José dos Reis Júnior, o conde de São Salvador de Matozinhos. Conservador e de grande expressão, considerado o mais robusto órgão governista da República Velha, foi um dos maiores formadores de opinião na política e na sociedade brasileiras entre o fim do século XIX e o começo do século XX. Durou até 18 de novembro de 1934, quando foi fechado pela Revolução de 1930. In: *O PAIZ*. Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-paiz/>. Acesso em: 30 jun. 2020.

em 1912 (AGRICULTURA, 1912, p. 4). Além disso, essa companhia de estradas de ferro, apesar de não ser a primeira criada no Brasil, se constituía como a principal ferrovia nacional, pois fazia ligação entre Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. (MARINHO, 2015, p. 208-209). Manoel tem inúmeras citações nos jornais de grande circulação assinando como secretário da empresa. Dessa forma, podemos afirmar que “pobre” não deve ser o melhor adjetivo por defini-lo, apesar de não termos dados sobre a sua ocupação na ocasião do nascimento e primeiros anos de Antônio Fernandes Figueira, visto que começou a trabalhar nessa posição de secretário a partir de 1870, com Antônio tendo aproximadamente seus 8 anos.

Encontramos também, o nome de Manoel vinculado com a Federação Espírita Brasileira (FEB) e descobrimos que ele foi um dos seus fundadores em 1884. De acordo com a sua biografia encontrada na página da organização, em virtude das viagens constantes que fazia por causa da sua profissão, ele “aproveitava” para divulgar a Doutrina Espírita pelos lugares que passava. (MANOEL, 2020). Fundou em 1888 o “Centro de Estudos Espíritos”, que funcionou na sede da Federação. Em 1929 esse centro passou a se chamar “Centro Espírita Fernandes Figueira”, indicando que Manoel foi um dos baluartes do espiritismo no Brasil. Além disso, após algumas buscas no acervo disponível na página da Federação Espírita Brasileira, confirmamos que Manoel tem alguns escritos na revista *Reformador*, editada mensalmente pela Federação e que divulga a Doutrina Espírita no Brasil até os dias atuais.

Apesar de encontrarmos essas informações, não temos vestígios da proximidade entre Antônio e o seu pai, ou a simpatia do médico com o espiritismo. Mas nos diversos discursos e obras de Fernandes Figueira, podemos perceber a ausência de qualquer menção relacionada com a Igreja Católica, elemento muito usado para legitimar moralmente argumentos médicos no fim do século XIX e início do século XX. (VÁZQUEZ, 2015, p. 99; LOCH, 2019,). Da mesma forma, Fernandes Figueira nunca se posicionou como espírita e não defendeu nenhuma outra doutrina religiosa. Os seus argumentos foram feitos sempre em razão da saúde pública e da caridade. É importante notar que a caridade é elemento importante para a doutrina espírita, mas também da Igreja Católica, ou seja, o médico não explicita necessariamente preferência a nenhuma das religiões ao argumentar a favor das práticas filantrópicas e caritativas.

Em contrapartida com a ausência de posicionamento de Fernandes Figueira sobre a sua religião, a partir de 1921, o nome do médico e de integrantes da sua família são encontrados com frequência em um jornal quinzenal lançado em 1919, chamado *A Cruz*, com redação e administração vinculada a Igreja Matriz de São João Batista, fato que nos chamou muita atenção. Nesse jornal são discutidos temas religiosos, informados aniversários, falecimentos, entre outros avisos referentes aos participantes da Paróquia. São debatidas questões sociais, informes sobre caridades e etc. Comumente também se encontram colunas de críticas ao Espiritismo. Em uma delas, chamada “Catecismo Anti-Spirita”, de 1919, encontramos o nome de diversos médicos que criticavam a religião, incluindo o Dr. Juliano Moreira, Diretor do Hospital dos Alienados e colega de Fernandes Figueira, que o indicou ao cargo de chefe do serviço clínico de crianças, em 1904, nessa instituição. Juliano Moreira se refere aos médiuns como neuropatas, ou seja, loucos. (CATECISMO, 1919, p. 6-7). Fernandes Figueira não estava entre os médicos citados nesse artigo ou nessa coluna, porém identificamos médicos que tem seus nomes associados a ele.

Desse modo, pelo menos a partir do casamento de Antônio Fernandes Figueira e sua esposa Raymunda Guedes da Silva Fernandes Figueira, (o qual não se sabe a data exata, mas se pressupõe-se que seja antes de 1890), acreditamos que o médico, sua esposa, filhas e filho fossem participantes dos ritos da Igreja Católica.

De acordo com o *Jornal do Brasil*, em 1928, ao relatar a morte de Fernandes Figueira, a publicação informa que o professor deixa viúva a senhora Raymunda Guedes da Silva Fernandes Figueira e os seguintes filhos:

Dido Fernandes Figueira De Lamare, casada com o Dr. Ademaro De Lamare, Inspector sanitário de Saúde Pública, Cordelia F. Figueira Agostino, casada com o Sr. Eugenio Agostino Filho, residente em S. Paulo, Laura Galvão Pereira, Elza Fernandes Figueira Oliveira Castro, casada com o Dr. Gustavo de Oliveira Castro, Cecília Fernandes Figueira Oliveira Castro, casada com o Sr. Jorge de Oliveira Castro, Irene e Helena Fernandes Figueira, e o Sr. Antonio Fernandes Figueira Filho. (MORTE, 1928, p. 6).

No total, sete filhas, das quais apenas duas ainda eram solteiras, e um filho também solteiro. (SANGLARD, 2016, p 21). O mesmo jornal também revela que o médico foi enterrado no cemitério de S. João Baptista, (MORTE, 1928, p. 6) que tem o mesmo nome e é próximo da igreja que publicava *A Cruz*. Curiosamente, a primeira menção à família Fernandes Figueira na publicação católica foi anunciando a perda de um filho, em 1921, o qual se chamava Alvaro Fernandes Figueira:

Faleceu hoje no dia 13 do corrente o jovem Alvaro Fernandes Figueira, filho do ilustre clínico dr. Fernandes Figueira. Morreu na paz do Senhor, confortado com os sacramentos da Igreja.

Á enlutada família Fernandes Figueira, 'A Cruz' apresenta seus pêsames. (Á SOMBRA, 1921, p. 2).

Não é exposto com quantos meses ou anos o menino faleceu, porém a partir da informação de que foi “confortado com os sacramentos da Igreja”, pode-se pressupor que era muito jovem, mas ainda assim, foi ao menos batizado. É intrigante pensar no quão doloroso pode ter sido a perda de um filho jovem a um médico de crianças e a sua família.

Interessante notar que é doravante a esse primeiro anúncio, que Fernandes Figueira e sua família começam a ser mencionados em participações em comissões, contribuições em dinheiro, e na coluna de anúncios de aniversários, no qual percebemos participação ativa dos familiares, em especial depois de 1921, já que no intervalo entre 1919 (lançamento do jornal) e 1921 nada foi encontrado. Porém não temos evidências suficientes para afirmar que foi a morte do filho que aproximou a família Figueira da paróquia de S. João Baptista.

Além disso, outra questão curiosa pode ser mencionada: a morte de Antônio Fernandes Figueira não foi mencionada no *A Cruz*, porém seus filhos continuam sendo citados nas edições. Nos outros jornais comerciais a morte do médico é noticiada com reverências. Será que o médico não era tão ativo na igreja como sua esposa, filhas e filho a ponto de não noticiarem lá

a sua morte e sua missa de sétimo dia? Ou foi algum pedido pessoal do médico aos familiares? Não temos essas respostas.

Situação análoga ocorreu na morte do pai de Fernandes Figueira. No *O Paiz*, nos anúncios fúnebres, Manoel pede que não haja luto por ele: “Entre as últimas determinações, que deixou escriptas á família, figura a seguinte: ‘Peço igualmente que não ponham lucto por mim; quando muito vistam-se de preto nos primeiros dias, mas sem crepe ou véos.’ (FIGUEIRA, 1918, p. 10). Na edição do *Correio da Manhã*, encontramos outro pedido: que não fosse celebrada a missa de sétimo dia para ele. (FIGUEIRA, 1918, p. 6). Ou seja, sua doutrina espírita foi respeitada.

Percebemos que de fins do século XIX até a segunda década do século XX há uma lacuna na documentação relativa à vida privada de Fernandes Figueira, no qual sabemos mais a respeito ao que concerne aos seus vínculos religiosos, particularmente sobre seu pai, ligado ao espiritismo e a sua esposa e filhos, ligados à Igreja Católica, como podemos verificar no jornal *A Cruz*. Assim, levantamos a hipótese de que Fernandes Figueira pode ter sofrido influencia religiosa do pai, ainda criança, porém como estratégia de sociabilidade com a elite médica carioca, depois do seu casamento e da formação em medicina, participou dos ritos da Igreja Católica.

Importante lembrar que embora a doutrina espírita fosse tolerada socialmente, desde o código penal de 1890 sua prática era proibida alegando especificamente “crime contra a saúde pública” nos artigos 156, 157 e 158, por vincular o espiritismo à magia e “fascinar a credulidade pública”. Além disso, a classe médica também relacionava as práticas espíritas aos curandeiros e ao exercício ilegal da medicina. (GOMES, 2013). Essa informação é interessante para se compreender porque não era cômodo para um médico revelar-se espírita abertamente, visto que suas competências poderiam ser questionadas.

Apesar de todos esses passos percorridos em busca de informações da vida privada de Fernandes Figueira, na busca por jornais, periódicos e outros tipos de documentação, acentuamos a dificuldade de chegar ao íntimo. A constituição das famílias, por exemplo, é um tema extremamente difícil de se investigar quando se pesquisam figuras masculinas, apesar do enaltecimento aos “valores familiares” dos intelectuais. Refletindo acerca da classe social, sua formação médica, trajetória profissional, acabamos por compreender as possíveis motivações de Fernandes Figueira para a tentativa de se inserir na elite médica também por meio da religião.

Percebemos, dessa forma, que um indivíduo durante a vida, participa de vários espaços, pode sofrer influências de opiniões familiares, pode vir a trabalhar em diferentes lugares, conhecer várias pessoas, trocar de opiniões no decorrer do tempo, e, tudo isso simultaneamente, não necessariamente numa ordem cronológica. No entanto, a estratégia de organizar a vida do sujeito em ordenação temporal nos ajuda a compreender de maneira mais clara alguns aspectos da sua trajetória, principalmente os de ordem institucional/profissional. Portanto, no tópico a seguir, buscaremos compreender a inserção de Fernandes Figueira no corpo social, suas vivências e experiências com o coletivo a partir de sua participação na revista *Brazil-Médico*.

Fernandes Figueira e o Brazil-Médico

Segundo Gisele Sanglard, que analisou a biografia de Fernandes Figueira construída por Solidônio Leite em 1929, o médico, após se formar, teve um período de “isolamento” em Juiz de

Fora, Minas Gerais. (SANGLARD, 2014, p. 87). Não se sabe exatamente o começo do período deste afastamento, mas supõe-se que tenha sido entre 1894 e 1896, e que a sua volta para o Rio de Janeiro tenha acontecido em 1900.

Em discurso publicado no *Brazil-Médico*, por ocasião de um mês da morte de Fernandes Figueira, em abril de 1928, o médico Fabino Sodré³ pontua: “Dez anos de repouso nas montanhas de Minas, *bendito repouso para não bemdizer a doença que o provocou*, permittiram a Figueira adquirir as bases de extraordinária cultura médica, encanto dos que o conheceram e dos que o lêm.” (grifo nosso) (SODRÉ, 1928, p. 417). Podemos supor com este trecho, portanto, que o período de afastamento pode ter ocorrido devido a alguma doença e que durou aproximadamente dez anos.

Apesar de não exercer serviço público neste período, embora tenha aberto uma clínica em Simão Pereira, distrito de Juiz de Fora, “seu isolamento foi apenas físico”. (SANGLARD, 2016, p. 22). Foi neste momento da vida que Fernandes Figueira teve a maioria dos seus sete filhos, e produziu o seu livro de maior destaque e consagração: *Éléments de Sémiologie Infantile* que seria publicado mais tarde. Também escreveu o *Diagnóstico das Cardiopatias Infantis*, e publicou alguns artigos no periódico *Brazil-Médico* neste período. (SANGLARD, 2016, p. 22).

As publicações em revistas periódicas eram a forma mais eficaz de circulação de ideias, em comparação com os livros e jornais cotidianos para se espalhar e comunicar conhecimento científico. (SÁ, 2006, p. 43). A explosão numérica das revistas após a mudança do regime político do fim do século XIX “só atesta essa enorme disposição intelectual em produzir e semear ideias novas”. (SÁ, 2006, p. 43).

Nesse caso dadas as minguidas condições técnicas que emperravam a publicação dos livros, a imprensa periódica tornava-se o vetor mais adequado para atender tamanho empenho, sobretudo pela veloz circulação dos seus produtos. As revistas tornaram-se, assim, o mais almejado espaço para a propagação de ideia e para uma dedicação sistemática à atividade pensante. (SÁ, 2006, p. 43).

A *Brazil-Médico*, revista semanal que era vinculada a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, começou a ser impressa em 1887. Em 1888, Figueira aparece nas informações do *Expediente* da revista como “Dr. Antonio Figueira”. Estava na lista de correspondentes das províncias, representando Lage de Muriaé – Rio de Janeiro. (EXPEDIENTE, 1888, p. 170). Em 1900, na sessão *Chronica e Notícias*, o pediatra aparece na lista de “Colaboradores Efetivos” da revista ao lado de outros renomados médicos brasileiros.

3. Os únicos dados relacionados a este médico que foram encontrados estão disponíveis nesse mesmo texto da revista. Fabino Sodré assina como “Médico da Assistência de Alienados do Rio de Janeiro” e em parte do discurso diz “vêde-me substituto de Figueira, vêde-me nesta tribuna, e não fui seu discípulo, e menos ainda seu amigo. Pequena injustiça, de que me supuz victima, separou-nos no limiar de minha carreira profissional. [...] Rotas as nossas relações sociaes, nunca deixei de lhe render as homenagens devidas ao seu real valor.” In: SODRÉ, Fabino. A Contribuição Neurológica de Fernandes Figueira. *Brasil-Médico*. a. XLII, n. 16. Rio de Janeiro. 21 de abril de 1928. p. 417. Fora esta publicação do *Brasil-Médico* não se tem mais nenhuma informação sobre quem foi Fabino Sodré, visto que não teve mais publicações na revista, não está vinculado à Academia Nacional de Medicina, e nem é citado em nenhuma bibliografia. Não se tem certeza, mas supõe-se que seja algum sucessor de Fernandes Figueira no Hospital Nacional dos Alienados ou algo neste sentido.

Para a longa existência do *Brazil-Médico* muito tem contribuído o seu atual corpo de redacção composto dos Drs. A. Sodré, Bulhões Carvalho, Ismael da Rocha, Nina Rodrigues, Carlos Seidl, Brant Paes Lemes, Miguel Couto, Marcio Nery, Guedes de Mello, *Fernandes Figueira*, Oswaldo Cruz, Miguel Pereira e Luna Freire. (grifo nosso) (*CHRONICA*, 1900, p. 44).

O grande diferencial dessa revista, segundo Lilia Moritz Schwarcz, foi sua extrema regularidade e estabilidade. Em cinquenta anos nunca deixou de lançar um número, e manteve sua equipe de produção inalterada durante vinte e cinco anos. (SCHWARCZ, 1993, p. 218).

De acordo com Tania Regina de Luca, que discute sobre periódicos como fontes históricas:

Os jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna objetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideia, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita. (LUCA, 2006, p. 140).

Jean-François Sirinelli pontua que as revistas são um precioso lugar de análise do movimento das ideias e que são, também, “lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade”, (SIRINELLI, 2003, p. 249) e um “ponto de encontro de itinerários individuais unidos em torno de um credo comum.” (LUCA, 2006, p. 140). Dessa forma:

As redações, tal como salões, cafés, livrarias, editoras, associações literárias e academias, podem ser encaradas como espaços que aglutinam diferentes linhagens políticas e estéticas, compondo redes que conferem estrutura ao campo intelectual e permitem refletir a respeito da formação, estruturação e dinâmica deste. (LUCA, 2006, p. 141).

Entretanto, isso não significa que todos os participantes desses espaços de sociabilidades possuíssem, de fato, uma afetividade ou uma concordância geral uns com os outros. A investigação das redes de sociabilidades dos grupos intelectuais permite desvendar, além das afetividades, as tensões, polêmicas e disputas que ocorreram nesses espaços. (CORREA, 2016, p. 275). Na revista *Brazil-Médico* isso não se expressaria de maneira diferente.

A criação e direção da revista é atribuída a Azevedo Sodré, médico e professor da cadeira de clínica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Segundo o diretor, havia urgência da criação de uma medicina brasileira original, na tentativa de se evitar o “dogma estrangeiro” na construção de uma medicina nacional própria. (SCHWARCZ, 1993, p. 218-220).

A historiografia dos intelectuais no Brasil se ocupa, desde a década de 1970, do tema das “ideias fora do lugar”. A expressão, cunhada pelo crítico literário Roberto Schwarz (1977), consagrou a interpretação da produção intelectual brasileira oitocentista pelo viés da ‘importação cultural’. Ostentatória e em descompasso com a ‘realidade nacional’, não passaria de uma cópia de modelos teóricos e estrangeiros, não poucas vezes contraditórios entre si ou já suplantados e obsoletos na própria Europa. (SÁ, 2006, p. 27-28).

Na revista se publicavam as pesquisas e registros clínicos dos médicos nacionais, sobretudo sobre as doenças tropicais com o objetivo de criação de uma ciência original brasileira. Isso demonstra a inadequação da proposição de “ideias fora do lugar”, já que com o *Brazil-Médico* e outros periódicos, já se realizava uma produção brasileira do saber científico no período oitocentista.

Esta revista também começa a divulgar a profissão, no sentido de uma prática médica institucionalizada, em detrimento do “charlatanismo”, num distanciamento destes, na conformação de uma identidade de grupo dos médicos. (SCHWARCZ, 1993, p. 222).

Assegurar que aquela ‘nova geração’ era ‘científica’ ao contrário das anteriores, não significava somente valorizar-lhes os métodos práticos e experimentais. Os homens de ciência que se formaram e atuaram na virada do século XIX para o XX percebiam-se como os primeiros a contribuir para a fixação definitiva de instituições, padrões de análise e normas de conduta social para a ciência brasileira. (SÁ, 2006, p. 119).

Com o fortalecimento das práticas higienistas, o *Brazil-Médico*, se abre “nas primeiras décadas do século, para a entrada maciça de artigos na área de higiene pública e saneamento,” (SCHWARCZ, 1993, p. 226) e são os médicos cariocas, - se comparados aos médicos baianos, por exemplo, - que mais facilmente alcançarão posições de relevo na política nacional, justamente por sua proximidade com os locais de influência político-financeira do país, se tornando os principais responsáveis pelos projetos científicos e higiênicos de sucesso. “Diante dessa nova medicina social ficam cada vez mais evidentes os campos de tensão intelectual. É de fato uma disputa entre médicos e juristas, higienistas e legisladores que se radicalizava.” (SCHWARCZ, 1993, p. 238).

Primeiramente podemos perceber uma tensão entre médicos baianos e cariocas. Mas os projetos científicos e higiênicos na própria capital revelam diferentes visões e interesses. A divergência entre algumas ideias de Moncorvo Filho e Fernandes Figueira, às quais falaremos mais adiante, pode ser exemplo disso.

Segundo Tania Regina de Luca, os discursos adquirem diversos significados, inclusive pelos procedimentos tipográficos em que são impressos. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir. (LUCA, 2006, p. 140). Fernandes Figueira publicava com certa frequência na *Brazil-Médico* e dessa forma, compartilhava desses dogmas vinculados pela mesma. Como já mencionado anteriormente, mesmo afastado do Rio de Janeiro, ele se manteve em contato com a elite médica da cidade por meio das suas publicações, inclusive com uma publicação internacional:

[...] apesar de ter se ido morar no interior, Fernandes Figueira se manteve em contato com a elite médica do Rio de Janeiro em sua forma mais visível: através das publicações no principal periódico da época. E é este contato que lhe permitiu publicar seus artigos e seu livro, sem contar sua ligação com importantes médicos e políticos do período, como Moncorvo de Figueiredo, Barata Ribeiro

e Francisco Portella. Sua internacionalização deveu-se à sua tese, premiada pela ANM, que, segundo Solidônio Leite, fora publicada, em 1896, na revista britânica *Lancet* (LEITE, 1929: 8). (SANGLARD, 2014, p. 88).

De acordo com Gisele Sanglard, a publicação de Fernandes Figueira na revista britânica *Lancet*, seria sobre a sua tese premiada pela Academia Nacional de Medicina. Mas ao analisarmos a publicação de Fernandes Figueira na revista, intitulada *An Essay on Clinical Urology in Infancy and Childhood*, (FIGUEIRA, 1896) de 1896, percebemos que não é a tese premiada que fora publicada, e sim a tradução de um artigo já publicado no *Brazil-Médico*, em 1894, intitulado *Semeiotica do aparelho uropoietico* (FIGUEIRA, 1894, p. 107) no qual ele trata sobre o sistema urinário das crianças.

Esta publicação na *Lancet* aparentemente fora importante tanto para Fernandes Figueira, quanto para a revista *Brazil-Médico*, que publicou na seção de *Chronica e Noticias* o ocorrido, dando “Distinção Honrosa” ao médico, título que dá certa notoriedade ao fato e as publicações de Fernandes Figueira:

Distinção Honrosa – A <Lancet>, da Inglaterra, acaba de verter para o inglez e publicar em suas columns, acompanhado das mais lisonjeiras referencias ao seu autor, o trabalho de nosso distincto collega Dr. Fernandes Figueira, sobre a semeiotica, do aparelho uro-poietico das crianças.

O notabilissimo orgão dos conhecimentos medicos da Grã-Bretanha precede a publicação do trabalho de uma longa apreciação, em que salienta com toda a imparcialidade o valor dessa contribuição para o esclarecimento de um assumpto difficil de pediatria, qual o do aparelho urinario.

[...]

Nós felicitamo-lo pela honrosa distinção, que não é dado a muitos lograr, e que de certo modo representa sobre as letras medicas brasileiras, tão pobres de cultores, merecido applauso. (CHRONICA, 1896, p. 360-361).

Esse movimento de distinção honrosa não deixa de ser uma tentativa de convencimento dos pares no Brasil de que tanto a pesquisa do médico, quanto a própria revista é confirmada por comunidades médicas estrangeiras. Nesse sentido, apesar de ser a revista *The Lancet*, - uma das mais antigas e conhecidas revistas médicas do mundo -, o fato de ser “estrangeira”, especialmente europeia, já bastava para que a autoridade de tal comunidade estivesse reconhecida. (PEREIRA, 2006, p. 108-109).

Como pode ser observado no Apêndice A, de acordo com o levantamento feito, há 56 publicações do Fernandes Figueira entre o ano de 1888 a 1928 no *Brazil-Médico*. Além destas, foram adicionadas ao quadro mais 6 publicações que não são de autoria do médico, mas são diretamente ligadas à sua imagem, - como *Homenagem ao Dr. Fernandes Figueira* de autoria de Dr. Moncorvo e Pedro da Cunha, publicada em 1921, - ou também respostas a ele sobre discussões médicas, como *Terminologia Médica* de autoria de Plácido Barbosa, publicado em 1905, expondo disputas discursivas que aconteciam na revista.

As publicações de artigos médicos mais longos, em específico, de autoria de Fernandes Fi-

gueira no *Brazil-Médico*, aparecem em números dos anos de 1888, 1894, 1896, 1897, 1898 e 1899.

À exceção do primeiro, publicado na seção de Bacteriologia sob o título “Micróbios e Câncer”, todos seus artigos versam sobre temas relacionados a pediatria. Neles, Fernandes Figueira trata acerca de várias doenças e perturbações da infância como: um caso de verminose, remédio para diarreias infantis, exame do baço, semiologia do aparelho urinário, influenza nas crianças, semiologia da dentição, etc. Mas mesmo no artigo publicado na sessão de bacteriologia, o médico toca em tema relacionado com estudos de câncros da mama, discutindo micróbios do câncer a partir de amostras tiradas de mamas e glândulas mamárias de animais (FIGUEIRA, 1888, p. 213), (apesar de ser de maneira muito breve e utilizando-se de outros tipos de amostra), o que se pressupõe certa ligação com saúde da mulher e amamentação.

A partir de 1900, Fernandes Figueira aparece mais na coluna *Formulario Practico*, deixando de publicar longos artigos com frequência. Nessa coluna, os médicos costumavam publicar receitas para a cura de doenças, especificamente apresentando os ingredientes das fórmulas. Fernandes Figueira publica nesse espaço o tratamento de doenças como: coriza aguda de lactantes, bronquite crônica em crianças, pneumonia infantil, entre vários outros tratamentos, em sua maioria para a aplicação em bebês e crianças.

Há também, a partir de 1911, a participação de Fernandes Figueira na coluna *associações científicas*. Em 1910, o médico fundou a *Sociedade Brasileira de Pediatria*. (ANTONIO, 2020). As sessões de discussão dessa e de outras agregações médicas eram publicadas no periódico. Figueira assina como presidente dessa sociedade e, portanto, comanda as sessões. Por esse motivo, entre esse ano e 1928, a maioria das menções ao seu nome são referentes as participações nessas sessões da Sociedade de Pediatria.

Considerações finais

Esse artigo deve como intenção principal demonstrar as potencialidades metodológicas da documentação escrita, jornais e revistas, disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira para a pesquisa histórica. Para isso, o foco central de análise foi a figura do pediatra Antonio Fernandes Figueira, médico de destaque na construção de políticas públicas para a infância e a maternidade na virada do século XIX para o século XX no Brasil.

Consideramos que compreender a figura do intelectual e médico deveria ser feita em articulação a análise dos vestígios possíveis sobre sua vida pessoal. A abordagem sobre essa questão foi feita a partir de pressupostos da História Intelectual e da estratégia metodológica de seleção e análise de documentação impressa digitalizada.

Além da bibliografia disponível sobre Fernandes Figueira, utilizamos artigos do periódico *Brazil-Medico* e reportagens de jornais para construção de parte da trajetória pública e da vida familiar a partir de fontes primárias. Trabalhamos ainda, o contexto em que o Fernandes Figueira está inserido, trazendo aqui, além de alguns aspectos mais gerais, os ideais higiênicos presentes naquela sociedade, bem como, o papel que os profissionais da medicina intencionavam ocupar.

Assim, essa pesquisa buscou mapear parte da trajetória desse médico e demonstrar as potencialidades do uso a metodologia de análise de jornais e revistas para a pesquisa em história, em especial para a história da medicina brasileira.

Referências

AGRICULTURA, industria e comércio. **O Paiz**. Rio de Janeiro. a. XXVIII, n. 10.107, 8 de jun. 1912. p. 4.

ANTÔNIO Fernandes Figueira. **Academia Nacional de Medicina**. Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=183&fbclid=IwAR1Z-m5tt4U55H147D-QAjXIVtPxU4mvMpGreiwCRmlpAlSo86F9EzkDXI3w. Acesso em: 08 jul. 2020.

ANTONIO Fernandes Figueira. **Sociedade Brasileira de Pediatria**. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/pessoas/pessoa/peid/antonio-fernandes-figueira>. Acesso em: 08 out. de 2020.

Á SOMBRA da cruz: Alvaro Fernandes Figueira. **A Cruz: Orgão da Parochia de S. João Baptista**. Rio de Janeiro. a. 3, n. 6. 27 nov. 1921.

CATECISMO anti-spirita. **A Cruz: Orgão da Parochia de S. João Baptista**. Rio de Janeiro. a. 1, n. 2. 5 out. 1919. Rio de Janeiro. p. 6-7.

CHRONICA e noticias. **Brazil-Medico**. Rio de Janeiro. a. X, n. 41. 1 de novembro de 1896. p. 360-361.

CHRONICA e noticias. **Brazil-Medico**. Rio de Janeiro. a. XIV, n. 5. 1 de fevereiro de 1900. p. 44.

CORREA, Rubens Arantes. Os intelectuais e a escrita da história – As contribuições metodológicas de Jean-François Sirinelli. **Escritas**. v. 8, n. 2. p. 265-278, 2016.

EXPEDIENTE. **Brazil-Medico**. Rio de Janeiro. a. 2, v. 3. Jan./dez. 1888. p. 170.

FIGUEIRA, Manoel Fernandes. Participações fúnebres. **O Paiz**. Rio de Janeiro. a. XXXV, n. 12.470. 1 de dezembro de 1918. p. 10.

FIGUEIRA, Manoel Fernandes. Actos fúnebres. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro. a. XVIII, n. 7.215. 28 de novembro de 1918. p. 6.

FIGUEIRA, Fernandes. An Essay on Clinical Urology in Infancy and Childhood. A Chapter from an Unpublished Book on Diagnosis in Children. **The Lancet**. Inglaterra. v. 148, i. 3811, p. 736-742, 12 sep. 1896.

FIGUEIRA, Fernandes. Os Microbios do Cancer. Revista de Bacteriologia. **Brazil-Medico**. Rio

de Janeiro. a. 2, v. 3. Jan-Dez. 1888. p. 213.

FIGUEIRA, Fernandes. Semeiotica do aparelho uropoietico. Clinica Pediatrica. **Brazil-Medico**. Rio de Janeiro. a. VIII. n. 14. 8 de abril de 1894. p. 107.

GOMES, Adriana. A Criminalização do Espiritismo no Código Penal de 1890: As discussões nos periódicos do Rio de Janeiro. **Revista Ágora**, Vitória, n. 17, p. 62-76, 2013.

LOCH, Fernanda; VAZQUEZ, Georgiane Garabely Heil. Práticas Criminosas, Práticas Egoístas, Práticas Proibidas: o Aborto no Discurso do Médico Nino Magno Baptista, 1930. **Gênero**. Niterói. v. 19, 2019.

LUCA, Tania Regina. Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto. 2006.

MANOEL Fernandes Figueira. **Federação Espírita Brasileira**. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Manoel-Fernandes-Figueira.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2020.

MARINHO, Pedro Eduardo Mesquita de Monteiro. Companhia Estrada de Ferro D. Pedro II: a grande escola prática da nascente Engenharia Civil no Brasil oitocentista. **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 30, p. 203-233, jan./jun. 2015.

MORTE de um grande médico brasileiro. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. a. XXXVIII, n. 63. 13 mar. 1928. p. 6.

PEREIRA, Júnia Sales. **História da Pediatria no Brasil de final do século XIX a meados do século XX**. Tese. (Doutorado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

SANGLARD, Gisele (Org.). **Amamentação e Políticas para a Infância no Brasil: A atuação de Fernandes Figueira, 1902 – 1928**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016.

SANGLARD, Gisele. Fernandes Figueira: ciência e infância – Rio de Janeiro, 1900-1928. **Intellectus**, a. XIII, n. 2, 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (Org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SODRÉ, Fabino. A Contribuição Neurológica de Fernandes Figueira. **Brasil-Medico**. a. XLII, n. 16. Rio de Janeiro. 21 de abril de 1928. p. 417.

VÁZQUEZ, Georgiane Garabely Heil. **Da mãe que não fui**: a experiência da ausência de maternidade ao longo do século XX. Tese (Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná – Curitiba, 2015. p. 99.

VIDA carioca: falecimentos. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro. a. X, n. 280, 27 de nov. 1918. p. 5

ZICMAN, Renée Barata. História através da Imprensa – Algumas considerações metodológicas. **História e Historiografia: Contribuições e Debates**. São Paulo, v. 4. p. 89-102, jan./dez 1985

Artigo submetido em 15/05/2021

Aceito em 28/06/2021